

O COMPLEXO DE EPHEDRON (1)

Jorge Miguel Marinho

Professor de Português

Ephedron sentiu uma porrada no crânio e exaltou-se de uma vez com sua mulher:

- Eu admito tudo, Dora, menos que você acompanhe campeonato de futebol!

Dora continuou o café quase tranqüila. Em seguida, ergueu-se, beijou incestuosamente a nuca do marido e saiu para o trabalho. À noite, na volta da faculdade, poderia explicar-lhe melhor que o seu interesse pelo campeonato não se resumia, de modo algum, à partida. Nem sequer prestava atenção aos dois grupos de camisas coloridas que se chocavam absortos, em torno da taquicardia de uma bola. O que ela acompanhava, com olhos antropológicos, era o movimento da massa desvairada que projetava orgasmos pela metade na fantasia do gramado. Isto porque, estimulada por um poema de autor desconhecido, começara a empreender, de forma um tanto simplista, uma pesquisa dos efeitos paliativos do futebol sobre os torcedores de pão e de leite.

A noite chegou e Ephedron não pode entender. Ora essa! Não bastavam as reuniões com uma meia-dúzia de filósofos caolhos que relatavam à sua mulher a natureza e o sexo dos anjos, tudo em meio ao cheiro de tabaco e cacoetes, e agora mais esta: o futebol! Nem queria pensar se os amigos encontrassem a esposa exposta na arquibancada. Pouco lhe importavam as argumentações de Dora porque a sua contabilidade movida à soma e subtração, nem espremendo, encontraria jeito de abarcar o declive da mulher.

Deve ter ficado explícito no parágrafo anterior o profissionalismo de Ephedron: ele era contador. Era também higiênico e saudável. Não fumava, nem bebia, muito menos, pensava em porcarias na cozinha ou na sala de jantar. Embora tivesse caderneta de poupança bem miudinha e fizesse ginástica debaixo do chuveiro, amava, isto sim, mais do que a média dos homens é capaz de amar.

Pois bem, malgrado as artimanhas do marido, Dora continuou as investidas no futebol. A sua curiosidade liberta permaneceu inquebrantável diante das mais diversas chantagens postas em prática por Ephedron: ele escondia as chaves do carro, ameaçava-a com asneiras, quebrava as lentes dos seus óculos. E ela prosseguia.

Entretanto a análise desportiva fez o meio caminho de uma metamorfose conjugal. Até o quinto ano do casamento, estiveram um ao lado do outro, extremados por um comportamento redondo que dava a ele a arrogância do macho e a ela a receptividade macia de uma almofada noturna. Passividade feminina, percurso envolvente, sedução; tudo de que ele precisava para expor sua cultura regular - e regular é horrível -, como algo sensacional.

Ambos passavam dos trinta e cinco anos, sem filhos, mas isto não incomodava. Pelo contrário, dava-lhes tempo para o desjejum espaçoso e o cultivo de entretenimentos sadios, sobretudo os normais. De manhã, ela recheava a mesa com pequenas especiarias e chegava a tomar ovos quentes sem nenhum sabor, apenas porque ele gostava e se ele apreciava era bom. Quando ele a via, sorvendo a gema meio crua por um pequeno furo na casca, sentia uns comichões na ponta da espinha e começava a babar. Não tanto pelo sensualismo do lábio penetrando a cavidade quanto pela certeza de estar conduzindo, ao menos na sua casa, toda uma geração. Para ele, Dora era doce como uma maçã coberta de caramelo. Ou melhor, como a língua da abelha. Ou melhor ainda, como uma flor.

O que Ephedron não sabia é que a (sua) mulher nunca fora uma flor, exceto para uma poética caduca que untava o sexo fraco - na verdade, não tão fraco assim - de mármore, e purificava-o, perfumava-o por força exclusiva do impulso de neutralização.

Dora amanheceu com cheiro demais nas axilas e resolveu estudar. Alegou o desejo de cooperar com o orçamento da casa, naquele momento, a sua única preocupação. Para tanto, terminaria o curso supletivo, supletivamente. Decidiu.

Ephedron deu umas chifradas no ar, chutou a samambaia da escada e babou pelo canto esquerdo, sem o menor sintoma de comichão. Todavia, à noite, estirado no regaço da amada, concordou. Sentiu o arrepio da benevolência carregada da mais sólida ereção: afinal, ela precisava estudar.

Dora terminou o colegial e resolver estender se. As tímidas informações lançadas pelo supletivo sacudiram sua compleição delicada, passou a interessar-se por tudo, exercitando uma ganância analítica que se espalhava para todas as direções. Lia diariamente, sem depurar o gosto, aflorando apenas. E porque experimentava as tintas do primeiro estágio, passou a fumar exageradamente e a usar calças de brim desbotado com as quais o marido não conseguia habituar-se. De qualquer for

ma, convivia, um pouco, com todos os assuntos, ainda que a sincronia entre ela e as idéias se desse pela expectativa do olhar.

Os amigos procuravam-na, traziam-lhe fatos e insistiam na sua opinião. Passou a beber, ficou exótica, ganhou, segundo ele, um ar de superioridade que não era decorrência do álcool, nem dos ovos quentes que continuava a tomar. Por estas e por outras, a conversa ficou difícil e da noite para o dia o diálogo pifou:

- Por que você está me olhando assim, Dora?
- Assim como?
- De cima, porra! E eu não estou vendo, então!

Ephedron foi ficando muito chateado, perdeu o gosto pelas refeições caseiras e adquiriu um medo terrível de falar. Por isso, policiava-se para não deixar escapar nota sobre os últimos acontecimentos. O comportamento da mulher era o mesmo, caso ele emitisse uma interjeição ou um longo discurso sobre política ou frutas aromáticas; ela sempre vinha com uma questão incômoda, um dado novo, um gesto de transcendência ainda que fosse por simples desprezo pelo assunto. E a vida para Ephedron foi desarrumando-se, até que ela lhe trouxe mais o peso do futebol.

Como Ephedron queria a mulher envolvente e delicada, e ela não cessava de se expandir, pensou em domá-la com arcos, espremendo-a de se-xo até sufocar. Mas isto talvez não fosse bom. Po-deria estimulá-la a gestos mais afrouxados. Não era à toa que, há tempos, ela percorrera a cama sem o menor pudor, alternava as posições, chegan-do a ocupar o lugar dele - imagine, competindo com ele que se esmerava na mestria do condutor - ou pior ainda, chegando a mostrar sem trêgua o seu momento de cio. Que fosse então. Era na cama, a-penas na cama que ele poderia impor as diferen-ças.

Abraçou forte a mulher e conduziu-a para o quarto. Fez questão de se despir primeiro e de-pois ir livrando-a das peças, uma por uma; tudo isto exposta à claridade do quebra-luz. Súbito, assustou-se, endoidou um pouco, o quarto pôs-se a rodar. Acendeu as luzes e horrorizou-se quando viu a penugem bem acentuada que cobria toda a co-luna de Dora e, à frente, no meio dos seios, o capinzal de pelos que começava a despontar.

Segurou os gritos. Embora o berro fosse a sua única moradia, iniciou calado a longa disse-cagem da mulher. Analisou a abertura dos lábios, a dilatação das narinas, os gemidos. E foi por es-te caminho que se assegurou, sem a menor dúvida,

de que o clítoris de Dora não parava de aumentar. Repugnância, arrepio em cada fibra do corpo; chorou debaixo do chuveiro sem ginástica, sem mesmo ter força para se ensaboar:

- Deus me livre! Estou vivendo o apocalipse ou me casei com um travesti!

Ah, isso era demais. Não quis acreditar. A sua Dora não, a esposa dedicada carregando consigo um pedaço de carne quase igual ao seu! Passou a fumar e a beber esperadicamente, mas na extensão do bode, no limite de sair vomitando e berrando do bar.

Sem encontrar clima nem mesmo para o trabalho, com muito esforço, procurou um amigo. Gaguejou sua sorte, rodeou daqui e dali, e acabou confessando seu drama tintim por tintim. O outro entortou o pescoço e arredou o seu inferno conjugal:

- Toma cuidado Ephedron! A ciência é um espeto, tem muito homem por aí se fazendo de mulher!

Passou noites e noites debatendo-se no travesseiro. Procurava acomodar-se num lugar privado da cama que lhe garantisse uma dormida impossível, sem o perigo de um esbarrão. Sustentando uma asma momentânea, implorou à mulher que não o abraçasse mais pelas costas como ela costumava fazer na pri

meira virada da madrugada; antes um carinho gostoso e agora um sopetão.

Sentava-se na cama, acendia o quebra-luz e encontrava Dora na sua placidez. Ensaiaava longas conversas para o café da manhã; definitivamente, precisava falar. Mas na hora H, sentia a língua congelada e não conseguia articular mais do que o eterno chavão:

- Você está mudando tanto, Dora!

Herdara da mãe o tabu das palavras, portanto verbalizar a sua desgraça era reforçar a realidade, enfim. Ouviu da boca do mesmo amigo que talvez Dora fosse mulher mesmo. Quem sabe, não estivesse sofrendo uma tentação de fase, ou produzindo um excesso de hormônios, bem mais provável, talvez. E acrescentava que leitura demais era um perigo e que havia um tal de Reich provocando muita confusão. Ephedron vasculhou a estante de Dora e nada. Encontrou apenas livros de História e alguma coisa de Lilian Hellmann.

Neste ponto, uma pergunta: por que não a se paração? Questão de dignidade; não tanto pela vergonha de expor em público a aberração causadora do divórcio, quanto pela esperança remota de reverter a mulher ao seu estado original. A feminilidade de Dora era sobretudo uma conquista sua e portanto perdê-la prenunciava um desamparo irre-

mediável. Era como entregar uma batalha já conquistada devido ao incidente de um temporal. É claro que dormir com a mulher daquele jeito era um caso sério, mas homem que é homem assume os seus problemas até o fim. Se ao menos ela engravidasse, talvez o pênis se recolhesse, mas não.

Levou-a ao ginecologista. Dora aceitou apenas por condescendência; estava muito preocupada com o marido. Durante a consulta, Ephedron não arredou o pé da sala. Acompanhou o profissional nos mínimos detalhes, ansiava por uma explicação. De vez em quando, piscava para o médico de um ângulo escondido da mulher, temeroso de que o outro perdesse um dedo da estranha anatomia: apontava os músculos, os pelos crescidos, a horrível região pubiana. Ensaiou os mais diversos cacoetes e, diante da coreografia caótica do marido, o especialista ficou muito dividido entre o caso do homem e o caso da mulher. Ao final, asseverou:

- Normal, normal, normal.

Ephedron catou a mulher, enfiou-lhe as roupas, pagou a consulta e desapareceu. Visitou especialistas de clínica geral, psicólogos e todos foram unânimes; alguns sem redundância:

- Normal.

Um psicanalista mais direto interessou-se particularmente pelas cavernas do marido e expli

cou-lhe que havia, nas pessoas, uma sexualidade neutra, nem de homem, nem de mulher. Embora pudesse parecer estranho aos menos avisados, era da própria natureza humana, normal. Recomendou:

- Que tal se diante disso o senhor se subme-
tesse a algumas reuniões?

Ephedron estrebuchou. Agarrou, com as duas mãos, os testículos, e insistia em esfregá-los na cara do depravado porque junto com o veredicto ha-
via perdido, por completo, a voz.

Mas a coisa não terminou aí e nem podia ter-
minar. Ephedron continuou procurando outros espe-
cialistas em busca de uma justificação. Recorreu
a três esteticistas e os três recusaram-se a re-
mover ainda que fosse um cílio da perfeita plás-
tica da mulher.

Entretanto, uma ocasião, foi obrigado a re-
cuar: depois do exame minucioso de um simpatizan-
te da médica plural, foi expulso do consultório
aos pontapés. Acontece que este sabia harmonizar
a tradição alopática aos recursos homeopáticos ,
sem relegar a um segundo plano os resultados in-
discutíveis da acupuntura. Talvez por esta flexi-
bilidade, tenha diagnosticado não a normalidade
de Dora, mas o quase normal. Ephedron relaxou um
pouco. Entregou ao médico o dinheiro da consulta

e mais duas notas bem gordas, acompanhadas de um bilhete telegráfico que lhe implorava, em nome da ciência, discipulação. O sujeito era muito sério e não admitia corrupção. Foi por isso que Ephedron que vivia a peste dos acúmulos saiu com o traseiro acumulado de humilhação.

Quando a ciência não responde aos desesperados, o misticismo aparece para ampará-los. Ephedron olhou de torto para o céu e resignou-se a esperar. Quanto a Dora, ela continuou as suas expansões. Aceitou as visitas clínicas e outros desejos do marido pelo simples sentimento de especulação. Ele se tornara, aos seus olhos, uma curiosidade, satisfazendo o seu mais recente estágio que era o espírito da experimentação. Assim, era ela que acordava agora, acendia o quebra-luz e anotava, nas retinas, mais um calafrio do marido.

Voltaram a sair como se nada houvesse acontecido. Iam a restaurantes, cinemas, teatros, mas, para Ephedron, a praia ou a piscina era muito difícil de agüentar. Nada mais compreensível: resignação é uma coisa, mas expor-se ao ridículo é de amargar. Quando ela surgia de maiô inteiriço - ela abria mão do duas peças porque, sem jamais

tocar no assunto, ele mostrava a preferência - , Ephedron estremeceu. Notava o pequeno chumaço de pelos saltando pelo decote e, no meio das pernas, aquele volume que era o ápice da sua crucificação. Corria e abraçava a mulher, escondendo toda a dianteira dela. Embora o pessoal fingisse não admirar a insuportável saliência, gente entregue ao calor do sol, Ephedron alongava o abraço até a intolerância dos corpos. Depois erguia Dora sobre as costas, dissimulava um cavalinho romântico se bem que, por dentro, estivesse muito desesperado para trotar. A única coisa que ele queria era sumir com a difícil companheira: espremia a sua tortura no tronco - vagina ou o que fosse - e punha-se a cavalgar a praia até que encontrava um espaço ermo já sem respiração.

O tempo passou, mas Dora não retornou à sua curvatura original. Terminou a faculdade, filiou-se a um partido de esquerda e logo desistiu. Ultimamente estudava coisas simples: as relações de segurança entre o homem e a mulher. Quanto a Ephedron, perseverança ele tinha, mas espremido daqui e dali não tem coração que consiga agüentar. Perdeu o serviço, entregou-se a bebida, foi definhando, definhando e sumiu. As suas últimas palavras anteciparam um longo passeio pelo corpo de

Dora, tinham o ritmo magoado de uma despedida imposta pelo acaso e surgiram assim:

- Você me enganou.

Ela sentiu um bocado, mas felizmente continuou a trabalhar.

(1) Conto inspirado no artigo de Ireda Cardoso , "À vista, um novo complexo, o de Ephedron", publicado na Folha de São Paulo nº 19.296 de 31.01.82, p.48. Fato que comprova que o realismo fantástico, afinal de contas, não é tão fantástico assim. Como os surrealistas diziam e alguns não deixaram de dizer: o verdadeiro fantástico está no real.